

RUMOS E ESCRITA DA HISTÓRIA
Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida

Coordenação de
Maria de Fátima Reis



Edições Colibri

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Rumos e escrita da História: estudos em homenagem a A. A. Marques de Almeida / coord. Maria de Fátima Reis. – (Extra-colecção)

ISBN 972-772-690-9
978-972-772-690-5

I – Reis, Maria de Fátima, 1961-

CDU 96"/19"

Título: *Rumos e Escrita da História.*
Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida

Coordenação: Maria de Fátima Reis

Edição: Edições Colibri

Capa: Ricardo Moita sobre pormenor de
Paisagem com a queda de Ícaro, de Pieter Brueghel, o Velho

Execução Gráfica: Colibri Artes Gráficas

Depósito legal n.º 251 701/06

Lisboa, 15 de Janeiro de 2007

A NOITE E AS TREVAS NA OBRA DE TÁCITO

Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Noctem sideribus inlustrem et placido mari quietam... Qualquer leitor de Tácito reconhece nestas palavras o passo em que o historiador conta a morte de Agripina: e a beleza da imagem, a de uma noite serena e polvilhada de estrelas, de imediato rasgada pela violência de um crime inefável, prende o leitor numa teia de emoção estética que o faz sentir que Tácito é, sem dúvida, o exemplo mais sublime do que os críticos designam por história trágica.

É nessa linha que este estudo se insere: é nosso objectivo observar os contextos em que os acontecimentos narrados por Tácito tiveram lugar de noite ou envoltos em trevas, e que função assume essa indicação na construção da sua narrativa histórica. Por outras palavras: quando e porque diz Tácito, em determinadas circunstâncias, que era noite? Que efeito retórico pretende com tal sugestão?

Começemos pelas circunstâncias que se inserem, *grosso modo*, em contexto militar. O texto privilegiado para a análise deste aspecto é, evidentemente, o das *Historiae*. Por isso nos debruçaremos sobre ele, sem prejuízo de que os *Annales* ou o *Agricola* venham ilustrar ou confirmar a leitura feita.

É de noite que, como parece natural, têm lugar as manobras que se pretendem secretas, quer as que não devem ser do conhecimento dos próprios soldados romanos, quer aquelas que visam preparar, às ocultas, ataques ao inimigo.

Após o assassinio de Galba, em Janeiro de 69, cria-se uma situação inédita em Roma: se Otão é o imperador reconhecido pelo senado, a verdade é que Vitélio foi aclamado pelas legiões que comandava na Germânia. É neste contexto que Otão recebe da parte dos soldados estacionados em Roma a prova do apoio que lhe dão, mas também do perigo que constituem pela facilidade com que entre eles pode eclodir um motim. Como reforço para a guerra civil iminente, Otão ordenara que a XVII coorte viesse de Óstia a Roma, para receber armas.

Encarregado da missão, o tribuno dos pretorianos Vário Crispino entende que a melhor hora para evitar alarmes e tumultos é ao cair da noite (*Hist. I 80: incipiente nocte*): nos acampamentos tudo está tranquilo, e ele manda abrir o arsenal e carregar os veículos para o transporte. No entanto, os soldados dão conta do que se passa e, porque a hora lhes levantou suspeitas¹, entendem que o motivo do transporte de armas não pode ser senão criminoso: o tumulto está iminente, pois querem apoderar-se das armas. Tácito sublinha que os soldados estão já embriagados (*inter temulentos*), o que, naturalmente, mais lhes acende os ânimos, e que, se uns agem por inconsciência, sem bem saberem o que faziam e carregados de vinho (*uino graues*), outros, os piores de entre eles, agem porque vêm na noite a ocasião mais favorável para a pilhagem. Por isso o historiador regista que a noite tornava inútil e vão o espírito de disciplina dos melhores. Os soldados acusam os tribunos e os centuriões de traição, pois estariam a fornecer armas aos escravos dos senadores para que assassinassem Otão. Matam o tribuno e os centuriões que tentam travá-los, tomam as armas e os cavalos, dirigem-se à cidade e à residência imperial, no Palatino.

Otão dava um banquete para que convidara os mais importantes da cidade, com suas mulheres. De todos se apodera o medo, pois não sabem se se trata de uma acção desvairada dos soldados ou de uma emboscada preparada pelo imperador. Quanto a Otão, assustado com o perigo que corria, mas também com o do senado, enviou de imediato os prefeitos da guarda pretoriana a acalmar a ira das tropas; ao mesmo tempo, ordenou que todos abandonassem rapidamente o festim. Tácito detém-se na descrição dessa fuga: os magistrados desfazendo-se das insígnias da sua dignidade que os podiam identificar, e evitando seguir acompanhados das suas habituais comitivas de escravos e *clientes*, os velhos e as mulheres fugindo no meio das trevas (*I 81: per tenebras*), todos a dirigirem-se para longe da cidade, uns poucos recolhendo-se às suas próprias casas, a maioria buscando esconderijo em casa de amigos ou *clientes*.

Nem as portas do *Palatium* travaram o ímpeto enlouquecido dos soldados: irromperam no festim e exigiram ver Otão. Só com muita dificuldade o *princeps* conseguiu dissuadi-los da violência e fazê-los voltar ao acampamento. No dia

¹ Em outro episódio (*Hist. I 54*), a hora nocturna em que Hordeónio Flaco, legado na Germânia Inferior, faz com que os embaixadores dos Lígones abandonem o acampamento romano também motiva suspeitas entre os soldados. Os embaixadores tinham vindo aos quartéis de Inverno sob pretexto de entregar às legiões testemunhos da sua lealdade. A verdade é que, murmurando entre os soldados acerca dos agravos sofridos e insinuando os que o exército suportava, foram espalhando as sementes da insurreição contra Galba. O legado deu-se conta do que faziam e decidiu mandá-los de volta às suas terras, o que motivou uma série de boatos: muitos garantiam que, aproveitando a noite, eles tinham sido mortos e que, se não se precatassem, também os soldados mais ousados nas queixas pelo que tinham de suportar seriam eliminados a coberto das trevas nocturnas. As legiões fizeram um pacto com as tropas auxiliares, e a sedição contra Galba ganhou corpo na Germânia.

seguinte, o silêncio que acompanha os grandes medos e as grandes iras². A cidade, diz Tácito, como se tivesse sido tomada pelo inimigo, tinha as casas fechadas, quase ninguém andava pelas ruas, a plebe mostrava-se abatida e os soldados cabisbaixos, embora sentissem mais tristeza que arrependimento (*I 82: deiecti in terram militum uultus ac plus tristitiae quam paenitentiae*). Otão fala então às tropas: diz-lhes que os soldados não devem estar a par de tudo, que há coisas que só os chefes podem saber, como as razões de se ter escolhido aquela hora para o armamento. Mostra-lhes que, espalhando a coberto das trevas a confusão, podiam ter conseguido o contrário do que diziam querer, criando uma situação adversa a Otão, que Vitélio aproveitasse. Incita-os à união, à disciplina e à coragem, deixando-lhe a ele e aos comandantes o poder de decidir. Por isso, castigados os dois principais culpados, pede aos restantes que não guardem lembrança daquela noite vergonhosa (*I 84: ceteri abolete memoriam foedissimae noctis*) em que se desrespeitara o senado, sustentáculo do império.

Este episódio permite-nos verificar algumas das associações que comumente Tácito faz relativamente à noite, ao que nela acontece e ao que ela provoca, ao que ela favorece e ao que ela representa. A noite é o espaço em que têm lugar todos os excessos: dos banquetes que se prolongam noite fora, do vinho que se bebe, nos festins ou nos acampamentos, quando, às fogueiras, se conversa ou se conspira. Porque a noite é, como Tácito documenta, o espaço de preparação de todas as traições, o momento propício à conjura, ao espalhar das sementes de sedições e motins. A noite é o espaço das mais vergonhosas acções. É o tempo em que o medo cresce com a escuridão e, por causa das trevas, é o momento em que a insegurança se sente mais agudamente.

Por contraste, e são muitas as vezes em que o faz, Tácito mostra como o nascer do dia, o despontar do sol ou o surgir da luz da madrugada, se apresenta como o momento em que tudo regressa ao normal, mesmo que lentamente, em que se revela a verdadeira dimensão dos acontecimentos, em que, afinal, a face mais nítida da realidade, seja ela boa ou nefasta, surge aos olhos de todos. Veremos que assim é em outros exemplos, que analisaremos mais adiante.

Não saindo, porém, ainda, do campo militar, a noite surge como o momento em que o exército tem de suspender a sua marcha, a não ser que alguma situação excepcional³, ou especial por razões estratégicas, o obrigue a continuar noite dentro a sua deslocação, como acontece quando as legiões leais a Vitélio são

² A imagem é de um outro passo das *Historiae* (*I 40: magni metus et magnae irae silentium*) e refere-se à situação vivida pouco antes do assassinio de Galba.

³ É o que se conta em *Ann. XV 12*, por exemplo: os soldados marcham dia e noite, incentivados pelo seu general, Domício Corbulão, para irem socorrer camaradas e levar reforços às tropas comandadas por Cesénio Peto, que estavam em dificuldades na luta contra Vologeses, rei dos Partos, e Tiridates, rei da Arménia. Também em *Ann. XIII 38* se fala da deslocação de 3 mil soldados da III Legião, mandados vir em segredo, durante a noite, para se juntarem ao exército de Corbulão.

mandadas, precipitadamente, levantar o acampamento em *Augusta Taurinorum* (Turim), pois é preciso que marchem rapidamente sobre Roma⁴. São muitos os passos em que Tácito alude à noite como o momento que leva a essa paragem.

De igual modo, é a noite que põe geralmente termo aos combates, bem como à perseguição dos vencidos⁵. Em Fevereiro de 69, otonianos e vitelianos defrontam-se, na terra e no mar, na Gália Narbonense (*Hist.* II 14). Só a noite suspende a luta, sustendo a fúria e o ímpeto dos que vencem, os vitelianos, e dando como que umas tréguas aos vencidos, que conseguem fugir, a coberto das trevas.

Num outro momento, durante a insurreição da Germânia e das Gálias, encabeçada por Júlio Civil, contra a autoridade romana, os Germanos defrontam os Romanos numa planície pantanosa. A situação é adversa às legiões romanas, comandadas por Petílio Cerial: os homens, que pouco ou nada sabem nadar, combatem com pesado armamento; e é favorável aos Bárbaros, que têm armas mais leves e, sendo bastante mais altos que os Romanos, não correm o perigo de ficarem submersos. Tudo corre mal aos soldados romanos: armas e cavalos afundavam-se no pântano, donde não conseguiam escapar, tanto mais que desconheciam o terreno. Os Germanos, ao invés, conhecem bem o local, evitam o perigo, rodeiam os adversários, cercam-nos facilmente. Tácito detém-se em pormenores de grande realismo: sempre que encontram um pouco de terra firme, os Romanos seguram-se como podem, os feridos e os ilesos, os que sabiam nadar e os que não sabiam: mas, agarrados uns aos outros, acabam por se perderem todos, de novo tragados pelas águas pantanosas. O desastre, porém, foi de menor monta do que se poderia prever, pois os Germanos não saíram do perímetro do pântano e acabaram por regressar aos acampamentos. A noite suspendeu a luta: mas ambos os generais, cada um pelos seus motivos, um porque queria consolidar a vitória, outro porque queria apagar a ignomínia, decidem apressar o ataque decisivo. Durante a noite, espaço de tempo em que se revela o estado de alma dos soldados, o resultado do recontro reflecte-se nas reacções diversas em cada um dos acampamentos: para os Germanos, fortalecidos pelo êxito, a noite é de cantos e de clamores festivos; para os Romanos, acabrunhados pela vergonha, a noite enche-se de ira e de ameaças (*Hist.* V 15).

⁴ *Hist.* II 66. A partida foi tão precipitada que não houve o cuidado, por parte das tropas, de apagar as fogueiras com que se aqueciam. Tácito regista que o fogo acabou por alastrar e parte da colónia ardeu, não tendo a tragédia ganho relevo no meio de tanto desastre da guerra civil.

⁵ Na terrível batalha do Monte Gráupio, em que Agrícola esmagou a insurreição da Britânia, só a noite e a saciedade dos soldados romanos pôs fim à perseguição dos vencidos (*Agr.* 37, 6). No entanto, as pilhagens continuaram noite fora, como se depreende da afirmação de Tácito em 38, 1: *Et nox quidem gaudium praedaque laeta uictoribus* (A noite foi deveras fértil em alegria e saque para os vencedores). No ano anterior, fora também durante a noite que os Britanos, depois de massacrarem as sentinelas, tinham atacado de surpresa a IX Legião, espalhando o pânico e a morte: Agrícola recorda-o às tropas para os incentivar à coragem bélica antes do combate final (*Agr.* 34, 1).

Na manhã seguinte (V 16: *Postera luce*), o combate retoma-se: os Germanos procuram empurrar os Romanos para a zona pantanosa, atirando-lhes pedras e toda a sorte de projecteis, mas eles tinham aprendido a lição da véspera. No combate corpo a corpo que depois se trava, os Romanos ficam temporariamente em desvantagem, mas logo, com reforços e táctica acertada, igualam a luta. É então que um desertor batavo chega junto de Cerial e lhe revela por onde, atravessando terra firme, pode surpreender os inimigos pela retaguarda. Assim fazem: os Germanos, apanhados de surpresa, não podem senão fugir. Tácito sublinha que, naquela ocasião, se teria decidido definitivamente a guerra, se a armada e a cavalaria romanas se tivessem apressado a persegui-los e a desbaratá-los. No entanto, não foi possível fazê-lo, não só porque começou de repente a chover, mas também porque a noite estava próxima (V 18: *repente fuis imbribus et propinqua nocte*).

Um episódio muito semelhante tivera já lugar quando, no ano 14, era Armínio o chefe dos Germanos na luta contra Roma. A campanha é comandada por Germânico, sobrinho, filho adoptivo e indigitado herdeiro de Tibério. Em dado momento, sabe-se que os Germanos estavam reunidos em banquetes e festejos solenes, e o exército atravessa a floresta, durante a noite, para os atacarem. À frente segue o legado Cecina Severo com algumas coortes, a abrir caminho. Se a noite não é, como vimos, o tempo adequado à marcha das tropas, neste caso o objectivo justifica-o: e a noite cheia de estrelas associou-se iluminando-lhes o percurso (*Ann.* I 50: *luuit nox sideribus inlustris*), e permitindo-lhes chegar, sem serem detectados, às aldeias dos Marsos, em volta das quais se dispõem. Os Germanos estavam deitados ou ainda banqueteados-se, ébrios, sem sentinelas nem qualquer preocupação, e de nada se deram conta. O ataque aconteceu de imediato, sem que nada nem ninguém fosse poupado: arrasaram templos, mataram velhos, mulheres, crianças⁶, numa extensão de 50 milhas.

Respondem os Germanos, aliando-se em grande número contra as legiões romanas. Pouco tempo depois é Cecina quem se vê mais ou menos encurralado pelo inimigo entre vastos pântanos e florestas. Armínio, o temível chefe germano, e os seus homens conheciam bem o terreno e usavam armamento ligeiro: adiantaram-se, por isso, aos Romanos, carregados com um peso enorme de armas e material para montar os acampamentos, e Cecina acaba por ser obrigado a parar. Divide os soldados em dois grupos: enquanto uns estabelecem os *castra*, os outros combatem os Germanos. Estes atacam uns e outros, e a situação torna-se extremamente adversa para os Romanos: o terreno é movediço, pantanoso; o peso do equipamento ajuda a que se afundem; os Germanos eram mais altos e usavam armas mais compridas, como já vimos. Só a noite interrompeu o combate, poupando as legiões a uma derrota que parecia inevitável. Mas os Germanos, que entretanto tinham desviado as águas vindas das montanhas circundantes, alagaram o acampamento e arrasaram tudo.

⁶ *Ann.* I 51: *Non sexus, non aetas miserationem attulit.*

A noite passou-se sem repouso de ambos os lados (I 65: *nox... inquietas*): do lado dos Bárbaros, festins e alegria, cantos de júbilo, clamores e gritos aterradores que ecoavam no fundo dos vales e se repercutiam nos bosques. Do lado dos Romanos, a desolação e o medo: as fogueiras sem força para os aquecerem, as conversas entrecortadas, os soldados junto às paliçadas ou vagueando junto às tendas, mais tomados de insônia do que vigilantes (*insomnes magis quam perui-giles*). Cecina, que pegou no sono, foi atormentado por um sonho atroz em que lhe apareceu Quintílio Varo⁷. Ao romper do dia (*Coepta luce*), o medo e a insônia produziram o seu efeito: os soldados ocupam desordenadamente posições estrategicamente incorrectas, Armínio não tem mais que atacar, e a luta prolonga-se todo o dia. Uma vez mais, só ao cair da noite, altura em que o combate se suspende porque os Germanos preferem o saque ao massacre, as legiões conseguem reunir-se em campo aberto e firme. Resta-lhes agora erguer um novo acampamento para passar a noite. Mas a maior parte dos instrumentos e materiais de que precisavam para o fazer tinha-se perdido, como também acontecera às tendas e aos remédios e lenitivos para tratar os feridos. Enquanto partilhavam os alimentos que tinham conseguido salvar, comida cheia de sangue e de lama (*infectos caeno aut cruore cibos diuidentes*), o horror das trevas (*funestas tenebras*) e o pensamento de que tantos milhares dos homens que ali estavam viviam a sua última noite provocavam lamentos e desespero. O quadro, patético, acentua-se quando Tácito recorda que um cavalo, que se soltara inadvertidamente e corria pelo acampamento, derrubou alguns soldados e provocou entre todos a maior aflição, pois pensaram que os Germanos tinham aproveitado a noite para atacar de surpresa: todos se precipitaram a tentar a fuga, e só o sangue-frio e a firmeza de Cecina os conseguiu conter.

Orta die (I 68), os Germanos investem de novo, num combate terrível em que, desta feita, os Romanos levam vantagem. De novo Tácito regista que, finalmente, a noite pôs fim à luta e as tropas recolheram ao acampamento: os soldados têm mais feridas que na véspera, continuam sem mantimentos, mas têm tudo o que a vitória lhes trouxe de orgulho e renovado vigor.

⁷ O general romano que, no ano 9, sofreu uma enorme derrota na floresta de Teutoburgo, infligida pelos Germanos. Note-se que, como se adivinha, a noite é também o espaço dos sonhos. Uns são pesadelos, como este; outros são causa de perdição de quem os tem (como aconteceu com dois irmãos de estatuto equestre, acusados e condenados sob pretexto de um deles ter tido um sonho passível de interpretação funesta para o imperador Cláudio: cf. *Ann.* XI 4); outros são auspiciosos (como o de Germânico, em *Ann.* II 14, que o leva a avançar para a luta com rapidez e confiança, delineando as linhas estratégicas para a vitória sobre os Germanos); outros dão indicações a quem os tem, como acontece em *Hist.* IV 83 (epifania de uma divindade: Ptolemeu do Egipto é levado, por um sonho, a estabelecer o culto de Serápis; cf. tb. *Ann.* XII 13); outros, ainda, são ilusórios, como todo o sonho, mas arrastam para a desgraça quem os leva a sério (foi o caso do púnico Cesélio Basso, que sonhou com o local onde Dido teria enterrado um tesouro e foi revelá-lo a Nero. O imperador acreditou: pôs-se a gastar por conta e sem freio, enquanto se iam ampliando as escavações em volta do lugar indicado, evidentemente sem nada se encontrar. Cf. *Ann.* XVI 1-3).

Por princípio, como vimos, a noite obriga à suspensão dos combates⁸. É isso que se deduz, até, do desejo dos militares flavianos quando entram em Roma, em Dezembro de 69. Os combates rua a rua, casa a casa, entre flavianos e vitelianos, desenrolam-se a um ritmo de horror e tragédia, mas os soldados atacantes tomam como ponto de honra atacar os *castra*, os quartéis dos soldados leais a Vitélio, porque aí, diziam, estava a honra militar (III 84: *militis decus*) que entendiam dever limpar. Por isso, se não os ocupassem de imediato, estavam dispostos a passar a noite em armas, até o conseguirem.

Nem sempre, porém, os soldados aceitam de boa mente a paragem a que a noite obriga. Em *Hist.* II 19, os soldados de Otão, prestes a encontrarem-se com os de Vitélio, chegada a noite, têm de parar, por ordem do comandante, e de construir o acampamento e respectivas fortificações. Desta vez, não estão de acordo: o descanso não lhes parece seguro, temem que os vitelianos os cerquem e ataquem.

Em *Hist.* III 79, as tropas flavianas, comandadas por António Primo, chegam perto de Roma⁹, e recebem a notícia de que Flávio Sabino, irmão de Vespasiano, foi assassinado, de que os vitelianos incendiaram o Capitólio e de que, mais que nunca, o socorro é necessário. Prepara-se o assalto final à capital, o decisivo combate que há-de levar ao assassinio de Vitélio e à sagração de Vespasiano como único e legítimo *princeps*. Vêm emissários da Urbe, entre os quais o filósofo estóico Musónio Rufo e as Virgens Vestais, que pedem, em nome de Vitélio, o adiamento do ataque por um dia, para que haja tempo para encetar negociações. Embora os tenha mandado de volta com respostas que apontavam para a inevitabilidade de um assalto imediato, António Primo, porque era já noite, só avança no dia seguinte (III 82: *postera die*). Tácito, porém, sublinha que o exército estava impaciente e de modo algum disposto a esperar.

Outras vezes, o que move os soldados a não quererem parar ou suspender as acções bélicas durante a noite não é o desejo de apressar a vitória, nem o medo de serem atacados, mas sim a cobiça e o receio de que lhes fuja a ocasião do saque. Em *Hist.* III 19 ss., conta-se a preparação do ataque das tropas favoráveis a Vespasiano a Cremona, onde estão os vitelianos. Chegados perto da cidade, construído o acampamento e as fortificações, e após um primeiro recontro com os vitelianos de que saem vencedores, embora com dificuldade pois o grosso do exército ainda não chegara, os soldados, logo que, ao cair da noite, chegam os reforços, querem de imediato avançar contra a cidade. Eles têm medo de que, esperando pelo dia seguinte, a cidade se renda e os bens dos Cremonenses,

⁸ Alguns outros passos em que a noite põe fim aos combates: *Hist.* IV 35: *donec proelium nox dirimeret*: as tropas de Júlio Civil, chefe da revolta das Gálias, enfrentam os Romanos leais a Roma; *Hist.* V 20: *ambiguum proelium nox diremit*: combate entre Romanos e as forças sublevadas da Germânia; *Ann.* XII 16: *ni proelium nox diremisset*: em 49, na luta desencadeada por Mitridates do Bósforo, no ataque contra Uspe, cidade da Cítia...

⁹ Ficaram *ad Saxa rubra* (hoje: Grottarossa), na margem direita do Tibre, a 13 km de Roma.

que eles consideram de seu direito pilhar¹⁰, vão parar aos bolsos dos prefeitos e legados. Além disso, todos eles pensam, no seu íntimo, que as trevas da noite são muito mais propícias às pilhagens¹¹. Marco António Primo, o general flaviano, fala às tropas, tentando contê-las: assegura que não lhes quer tirar nem a glória nem o prêmio, mas que lhe cabe a ele, como chefe, mostrar-lhes a insensatez do que querem fazer: de noite, sem conhecerem a cidade nem a disposição dos inimigos dentro dela, tudo são factores favoráveis a emboscadas. Como iam atacar uma cidade desconhecida, sem saber a que estratégia e a que máquinas deveriam recorrer? Se deixassem passar apenas aquela noite, se esperassem a chegada dos engenhos bélicos adequados, a vitória seria certa. Todos estes argumentos acabaram por evitar, embora a muito custo, o motim que se desenhava¹². Entretanto, todavia, sabe-se, por uns Cremonenses capturados fora das muralhas, que está já muito próxima uma força considerável de tropas vitelianas: a noite transforma-se, então, no manto que esconde os soldados que se espalham, por entre as trevas, emboscados.

No entanto, o exército viteliano que vinha a caminho cometeu um erro tático que haveria de contribuir para a sua desvantagem: em vez de esperar pelo dia seguinte, dormindo e descansando no acampamento, a recuperar as forças com a comida e o sono, para no dia seguinte estar mais capaz de derrotar os flavianos esgotados pelo frio e pela fome¹³, carecendo ainda de um verdadeiro chefe e de um plano de ataque organizado, literalmente esbarrou com os flavianos, bem preparados para a luta.

Tácito frisa que, nas trevas, a desorganização do exército viteliano era ainda maior. Isto é: neste caso como em muitos outros, a noite é propícia a uns e adversa a outros. O combate, todavia, prolongou-se noite dentro, atroz para ambos os lados, mas incerto, pois não se traduzia em clara vantagem nem para uns, nem para outros. O historiador enriquece o quadro com notações precisas: para nada serviam os olhos, pois, no escuro, nada se via; nas trevas, as vozes de ambos os exércitos davam as suas ordens, e as respectivas senhas e contra-

¹⁰ A noite, que os obriga a parar, é por vezes vista como um momento que os atrasa ou mesmo impede de proceder ao saque. É do que se queixam os soldados em campanha na Gália, no tempo de Tibério, para esmagar uma sedição: em marcha contra Augustoduno (Autun), murmuram contra os atrasos que a noite impõe à desejada pilhagem das aldeias dos Séquanos (*Ann.* III 45).

¹¹ III 19: *Idem audaciae per tenebras inrumpentibus et maiorem rapiendi licentiam.*

¹² A prova de que não esqueceram essa decisão tomada mais por necessidade do que por vontade, está em *Hist.*, IV 72, 3: os soldados flavianos, durante o levantamento das Gálias, querem saquear *Augusta Treuerorum* (Trier), cidade que dizem muito mais culpada que Cremona, que fora arrasada e arrancada do seio de Itália apenas por ter causado aos vencedores o atraso de uma única noite (*e gremio Italiae raptam quia unius noctis moram uictoribus attulerit*).

¹³ A noite em que este episódio teve lugar foi a de 24 para 25 de Outubro de 69.

-senhas ficavam conhecidas dos adversários; misturavam-se as insígnias das legiões¹⁴. Até que, com o avançar da noite, surgiu a lua¹⁵ e foi possível ver a formação de ambos os lados. O luar, porém, revelou-se favorável aos flavianos, que o tinham à sua retaguarda: as sombras dos cavalos e dos homens ficavam maiores e disformes; os adversários, com a luz a bater-lhes de frente nos olhos, desferiam os seus golpes, mas falhavam-nos, pois as figuras fantasmagóricas contra as quais investiam não tinham a dimensão nem a forma que aparentavam, e as lanças acabavam por cair demasiado perto. Além disso, com a cara e o corpo iluminados de frente, os vitelianos ficavam não só mais indefesos, como mais visíveis, alvos fáceis de atingir por aqueles que estavam escondidos na escuridão da noite. O general flaviano, que já podia ver os seus e ser por eles visto, incitavos agora de perto, acerca-se deles para lhes dar mais coragem. Horas depois¹⁶, os soldados da III Legião *Gallica* saudaram o sol nascente¹⁷. A vitória dos flavianos era esmagadora. Ainda que os chefes hesitassem nas ordens a dar, pois Cremona estava muito bem defendida e o exército esgotado por ter combatido durante todo um dia e toda uma noite¹⁸, os vencedores, nos quatro dias que se seguiram, entregaram-se ao saque e à destruição de Cremona.

Sendo a noite um tempo que só em condições excepcionais se dedica aos

¹⁴ De um outro combate ocorrido no ano 26, em que os Trácios atacaram os Romanos durante a noite, também Tácito diz que, nas trevas, os golpes eram dados ao acaso, as feridas recebidas sem se saber como nem de quem; não se distinguiram os amigos dos inimigos, e o eco da montanha, repetindo os gritos e soando por trás deles, enganou os Romanos, porque julgaram que chegavam reforços para os Bárbaros: por isso abandonaram algumas posições e ficaram em desvantagem (*Ann.* IV 51).

¹⁵ O desaparecimento da lua, ou melhor, um eclipse, foi o motivo de pôr termo à insurreição das legiões da Panónia, após a morte de Augusto (*Ann.* I 16 ss.). No auge do motim, quando já todas as legiões estavam minadas pela sedição e de Roma tinham vindo forças suplementares para a esmagar, foi o eclipse que evitou maiores desgraças: ignorantes do que o motivava, os soldados viram nisso um presságio da sua condição e destino. Quando deixaram totalmente de ver a lua, acreditaram que estava sepultada nas trevas e que, por isso, a eles lhes estava reservado um funesto destino e uma pena eterna. Germânico só teve de aproveitar esse temor supersticioso para os chamar à razão e à disciplina.

¹⁶ O combate terá começado entre as oito e as nove da noite (III 22: *tertia noctis hora*): o sol nasce, nesta data, pouco depois das 7 da manhã. Foi todo esse tempo que durou a luta.

¹⁷ III 24: *et orientem solem (ita in Syria mos est) tertiani salutauere.* A III Legião *Gallica* tinha servido na Síria, sob as ordens de Domício Corbulão, antes de ser transferida para a Mésia. Além de ser natural que entre as suas fileiras estivessem efectivos nascidos na província, muitos outros soldados teriam abraçado o culto heliocêntrico de que Tácito aqui dá conta.

¹⁸ O argumento de que combatera *per diem noctemque* (*Hist.* III 53) diante de Cremona servirá a Marco António Primo para fazer sentir a Vespasiano que é ele, e não Muciano, o verdadeiro sustentáculo do seu partido. Expressão equivalente, *noctu diuque* (*Hist.* II 5), exprime a tenacidade e a experiência avisada com que Vespasiano, sem nunca esmorecer, combatia o inimigo e comandava os seus soldados. Bem pelo contrário, sobre Tibério o que se sublinha é que nem de dia, nem de noite, a sua crueldade estava ociosa (cf. *Ann.* VI 39).

combates, como é o caso que acabámos de ver, aproveitar justamente a escuridão dessas horas pode ser um estratagema para conseguir vantagem. Tome-se o exemplo de *Hist.* IV 29. Júlio Civil chefiava a revolta dos Batavos e, de noite, pôe cerco ao acampamento onde se encontram as tropas romanas; é Outubro, está frio, os sitiados acendem fogueiras e entregam-se a comensais, bem regadas com vinho. Inflamados pela embriaguez, lançavam-se ao combate, com vã temeridade, mas nada conseguiam de concreto: na noite iluminada pelas fogueiras, os Romanos viam perfeitamente a formação dos Bárbaros e, se algum se evidenciava pela sua audácia ou pelas insígnias que lhe denunciavam a importância do posto, escolhiam-no como alvo a abater. Civil deu-se conta da desvantagem: mandou apagar todas as fogueiras para que imperassem as trevas da noite. Com a escuridão, aumentou o terror, que Tácito descreve com realismo: ouviam-se estrépitos confusos, choque de armas que não se sabiam de onde nem de quem vinham, não havia modo de prever e evitar os golpes, nem de saber em quem se desferiam. De onde surgia um grito, para aí se viravam os homens, estendendo os braços, sem que de nada lhes servisse o valor guerreiro; tudo era guiado pelo acaso, e muitas vezes caíam os mais valentes por golpes lançados pelos cobardes. Todos atiravam mais ou menos às cegas e matavam, se o acaso o permitia. Os Romanos guiavam-se pelo som das escadas que os Germanos encostavam às paliçadas do acampamento para esperarem os assaltantes e os apunhalarem. O combate durou até de manhã: o dia deu origem a um novo combate, este já em formação ordenada.

A noite é também o momento especialmente oportuno para os ataques de surpresa. É a coberto da noite que os Germanos armam uma emboscada a Petílio Cerial, o legado romano que voltava de uma visita aos acampamentos que se construía para passar o inverno (*Hist.* V 22). Regressava com as naus e o exército por terra, todos dispersos e as sentinelas desatentas. Sabendo-o, os Germanos aproveitaram a oportunidade para atacar de surpresa. Escolhem para isso uma noite de escuridão mais cerrada pelo céu cheio de nuvens¹⁹ e, no maior silêncio, entram nos acampamentos e nas naus sem que ninguém se dê conta. O primeiro momento de matança foi favorecido pela rapidez e pela astúcia: cortam as cordas que sustentavam as tendas, matam os soldados que ficam presos debaixo delas. Depois, o silêncio dá lugar aos gritos com que acompanham o massacre, e que ressoam na noite aumentando o terror e o pânico. Os Romanos, despertados abruptamente pela refrega, procuram as armas, correm desorienta-

¹⁹ Vejam-se os capítulos 50 ss. do Livro IV dos *Annales*, sobre a campanha militar contra a Trácia: a noite reforça todos os perigos, particularmente quando sobrevém uma tempestade. O episódio concentra as associações sugeridas em outros passos: a noite é o tempo dos excessos, do vinho, do cansaço; a noite é o lugar da insegurança: o inimigo está à espreita do momento oportuno para atacar de surpresa; a noite faz crescer o terror, amplifica os gritos, aumenta a desorientação dos que são atacados; a noite acentua a audácia de uns e a desgraça de outros.

dos pelas ruas do acampamento, muito poucos envergando o equipamento militar, a maioria com ele no braço à maneira de defesa e empunhando apenas as espadas. O próprio general, ainda meio adormecido e quase nu, salvou-se apenas porque o inimigo julgava que ele estivesse a bordo do navio pretório, aquele que exibia o estandarte do comando; mas Cerial passava a noite noutra local, com uma mulher úbia²⁰. As sentinelas desculpavam-se mesmo da sua falha descarregando as culpas em cima do comandante: diziam que tinham recebido ordem de não lhe perturbarem a noite e que, por isso, não tinha havido nem toques a marcar a mudança das vigílias, nem mensagens gritadas entre os soldados da ronda e as sentinelas. Por esse motivo, também eles caíram no sono, deixando-se surpreender pelo inimigo.

Um outro ataque de surpresa tem lugar na noite de 17 para 18 de Dezembro de 69, isto é, dois dias antes do assassinio de Vitélio, em Roma, e da vitória de Vespasiano (*Hist.* III 76 s.). Em Tarracina estavam tropas flavianas: comandantes e soldados, porém, estavam tomados pela indisciplina e pela indolência. Não faziam vigílias, não garantiam a defesa: passavam noite e dia entregues a comensais e cantorias. É neste cenário que Lúcio Vitélio, irmão do imperador, ameaça tomar e destruir Tarracina. Um escravo escapuliu-se da cidade e ofereceu-se ao chefe viteliano para a tomar pela surpresa e traição²¹. O momento escolhido para a acção é, como se adivinha, a noite: os soldados tomam posição em montes sobranceiros à cidade e, já a noite ia alta, atacam de surpresa, abatem os soldados flavianos que dormiam inermes. A maior parte deles nem tem tempo de pegar em armas, acordados para logo serem mortos, enquanto nas trevas o soar das trombetas e os gritos dos atacantes lançam a confusão e sobretudo aumentam o pânico. É uma vitória para os vitelianos: Tácito insinua que, se Lúcio Vitélio tivesse então avançado para Roma, o desfecho do conflito poderia ter sido diferente.

A noite é também o tempo em que se preparam e constroem os engenhos e as máquinas de guerra, quando um combate se avizinha. É o que acontece em *Hist.* II 21: os otonianos estão em Placência, nas margens do Pó, cercados pelos

²⁰ Os Úbios eram um povo das margens do Reno, cuja capital era a actual Colónia. Cerial já anteriormente passara a noite fora do acampamento na ocasião de um outro ataque ao acampamento romano, de que era comandante. Quando os Úbios, os Língones, os Batavos, os Brúcteros e os Tencteros, todos eles povos germânicos, atacaram de surpresa, durante a noite, o acampamento, fizeram-no tão inesperada e rapidamente que o general recebeu ao mesmo tempo a notícia de que os seus tinham sido atacados e a de que tinham ficado em desvantagem. A informação encontrou-o longe do acampamento, ainda no quarto e na cama (IV 77: *in cubiculo ac lectulo*). Voltando às suas funções, atacou e rechaçou os Germanos, mas isso não impediu que ficasse bem claro que, por incúria, esteve a ponto de deixar tudo a perder: é o que Tácito regista em IV 78, embora reconheça que, depois, a sua *constantia* foi determinante para a vitória.

²¹ Em *Hist.* IV 3, ficamos a saber que, após a vitória de Vespasiano, o escravo, que recebera de Vitélio a dignidade equestre, foi crucificado.

vitelianos que, comandados por Cecina, vêm da Germânia para Itália, para tirar do poder Otão e dá-lo a Vitélio. A um primeiro dia de combates não decisivos, segue-se uma noite em que sitiados e sitiantes se dedicam à preparação dos *instrumenta* bélicos do dia seguinte: os vitelianos preparam as armas ofensivas para o ataque às muralhas; os otonianos aprestam as defensivas. Ainda o dia mal tinha despontado (II 22: *Vixdum orto die...*), o cenário mudara: as muralhas surgem cheias de soldados, os campos refulgindo de homens armados. O combate tem lugar, mais violento e decisivo: desta vez são os otonianos que levam vantagem.

A noite é também o tempo que acolhe os que matam por amor e ciúme²², e oculta aqueles que traem os que mais deviam amar²³. É o tempo que acoberta a fuga dos desesperados, ou as incursões secretas dos que não querem ser reconhecidos²⁴, ou, ainda, os actos de ousadia dos que, nas trevas, se atrevem ao despudor, à ignomínia, à traição.

Foi de noite que Nero procurou fugir e escapar à morte que lhe preparavam²⁵. Foi de noite que Germânico saiu do *augurale*, a tenda do general, tomando vias secretas e disfarçado de soldado auxiliar germano²⁶, e percorreu as ruas do seu acampamento para, sem se dar a conhecer, ouvir o que diziam dele as suas tropas e avaliar do apoio que lhe davam e do ânimo com que podia contar para o combate decisivo que no dia seguinte ia empreender contra Armínio.

Foi a noite que, no tempo de Calígula, deu cobertura ao capricho e à sem-

²² Leia-se, em *Ann.* XIII 44, a história da última noite de amor de Octávio Sagita e Pôncia, selada com o crime que vingou a desilusão e o ciúme do tribuno.

²³ É de noite que a mulher de Nero, o filho mais velho de Germânico, se põe a vigiar tudo o que o marido faz – se dorme, se está acordado, se suspira – para de manhã ir contá-lo à mãe e esta, por sua vez, o delatar a Sejano, seu amante, que procura motivos para se desfazer de Nero (*Ann.* IV 60).

²⁴ É somente ao cair da noite (*Ann.* II 39: *obsuro diei*) que aparece pelos municípios o impostor que se fez passar por Agripa Póstumo, o último neto de Augusto que Tibério mandara assassinar. Embora fosse parecido com ele, o escravo sabe que a luz do dia o poderá desmascarar. E foi numa noite em que ele não tinha quem o ajudasse que os sicários de Tibério lhe deitaram a mão. Puseram-no a ferros, amordaçaram-no e levaram-no para o palácio imperial, onde o torturaram e executaram longe da vista de todos (*Ann.* II 40).

²⁵ *Hist.* III 68: Tácito evoca o fim de Nero a propósito da saída de Vitélio do *Palatium*, em 18 de Dezembro, aparentemente disposto a entregar o poder: vai vestido de escuro, numa pequena liteira, acompanhado do filho ainda pequeno, atravessa as ruas pelo meio do povo, mais parecendo que integrava um cortejo fúnebre. Raros foram os que, apesar de tudo o que fizera, ficaram indiferentes ao espectáculo da queda de quem pouco antes atingira a dignidade máxima em Roma.

²⁶ Os *auxiliares* germanos usavam peles de animais aos ombros. O episódio é narrado em *Ann.* II 12 ss. Tácito conta que Germânico tinha consciência de que, perguntando o que queria saber aos tribunos e centuriões, ou aos seus libertos e amigos, não obteria respostas sinceras. Para saber a verdade, teria de ouvir directamente os soldados, enquanto comiam, quando entre eles deixavam manifestar *spem aut metum*, a esperança ou o medo.

-vergonha da mulher de Calvício Sabino, legado de Tito Vínio: levada pela curiosidade de saber como era um acampamento, entrou num, disfarçada de soldado; depois de tudo ter percorrido, como se fizesse uma ronda, e de ter participado nas tarefas militares, atreveu-se a cometer adultério no posto de comando com o próprio Tito Vínio (*Hist.* I 48). É durante a noite, em 18 de Dezembro de 69, quando os vitelianos ainda ocupam Roma mas a pouco e pouco todos se unem à causa flaviana, que Flávio Sabino, irmão de Vespasiano, se refugia na cidadela do Capitólio, com alguns soldados, uns quantos senadores e cavaleiros, umas tantas mulheres de mais coragem. Ficam cercados por soldados vitelianos, porém muito pouco atentos, e as trevas favorecem a ousadia de movimentos secretos: nas horas de descanso nocturno, Sabino faz chegar ao Capitólio os seus próprios filhos e Domiciano, seu sobrinho e filho mais novo de Vespasiano, depois de enviar por um caminho ermo um mensageiro a avisar os chefes flavianos de que estavam sitiados e em grande perigo (*Hist.* III 69).

É de noite que se conspira e se urdem os motins e as insurreições²⁷, que se tramam as mudanças políticas, os assassínios, as traições, as vinganças.

Em 14 de Janeiro de 69, é já evidente que Galba está condenado a morrer: Otão conquista cada vez mais apoios para a sua causa. Nessa noite, quando voltava de um jantar, os soldados da I Legião *Classica* e as tropas auxiliares estacionadas na capital estiveram a ponto de o aclamar imperador. Só não o fizeram porque temeram a incerteza que a noite representava: os acampamentos espalhados pela cidade, a certeza de que os soldados, a essa hora, já estavam embriagados (*Hist.* I 26: *inter temulentos*), infundiram o receio de que não lhes fosse possível conseguir o acordo unânime das tropas. Além disso, reteve-os o medo de que, no meio das trevas, os soldados da Panónia ou da Germânia, que não conheciam Otão, pudessem aclamar imperador outro qualquer que lhes fosse apresentado como sendo ele.

É de noite que Vitélio, enquanto se banqueteara em Colónia, recebe a notícia de que as Legiões IV e XXII, depois de na véspera terem derrubado as imagens de Galba, tinham jurado lealdade ao senado e ao povo romano. Vitélio, que acha o juramento vazio de sentido, entende que é o momento de avançar para o principado, e envia às legiões mensageiros que incentivem as tropas à desejada aclamação: a decisão da noite colheu os seus frutos no dia seguinte, quando a I Legião entrou em Colónia e o seu legado, Fábio Valente, o saudou publicamente como *imperator* (*Hist.* I 57).

É de noite que Lúcio Basso, prefeito da armada de Ravena, aproveitando-se de os seus subordinados estarem indecisos quanto a quem deviam lealdade, os ganhou para o partido de Vespasiano. Foi a noite o tempo escolhido para a traição (*Hist.* III 12: *nox proditoni electa*) pois, sem que os demais se dessem con-

²⁷ Veja-se o exemplo de *Ann.* I 39. Em alguns casos, porém, é a noite que os gora, ou que evita a consecução da violência, como em *Hist.* II 44 e III 10.

ta, só os comprometidos na defecção de Vitélio se reuniram no posto de comando. Os comandantes das trirremes derrubam as imagens de Vitélio e, depois de mortos uns poucos que resistiram, todos se juntam ao partido flaviano.

É de noite que os legionários matam Hordeónio Flaco, legado da Germânia Superior. O ódio e o desprezo que sentiam por esse velho e frouxo general era já antigo, mas o rastilho da revolta (IV 36: *seditionis alimentum*) foi a exigência de um donativo. Os soldados sabiam que Vitélio enviara dinheiro para as legiões: Flaco, no entanto, deu-o em nome de Vespasiano, a cujo partido aderira recentemente. Nas reuniões nocturnas, comendo e bebendo, o rancor foi crescendo até ao crime: sem que nenhum tribuno ou legado ousasse impedi-los, pois, como Tácito sublinha, a noite tinha eliminado qualquer resquício de vergonha, arrancaram o general do leito e mataram-no. A mesma sorte teria tido Dflío Vócula, comandante da XXII Legião, não fora, a coberto da noite e disfarçado de escravo, ter conseguido fugir.

É de noite que Júlio Civil, que há muito tramava a insurreição, convoca os mais nobres e os mais audazes dos Batavos para um bosque sagrado, sob pretexto de um festim. E, quando os vê bem exaltados pelo avançado da noite e pela alegria (Hist. IV 14: *nocte ac laetitia*), lembrando-lhes as afrontas que a submissão aos Romanos lhes tem trazido, incita-os a recusar o *delectus*, o recrutamento dos seus jovens para as fileiras do exército romano.

É de noite que Percénio, simples soldado das legiões da Panónia, nas conversas com os camaradas, lança nos seus espíritos simples a apreensão sobre a situação das tropas após a morte de Augusto e a ascensão de Tibério ao poder, dando começo a uma insurreição que tanto custou a esmagar (Ann. I 16 ss.).

É a coberto da noite que o cadáver de Galba, abandonado à mercê da crueldade e da vingança da população durante largas horas, é ultrajado e mutilado (Hist. I 49: *licentia tenebrarum*).

É de noite que se trama e executa a desgraça de Júnio Bleso. Vitélio tinha contra ele grande animosidade. Remontava esse ódio ao momento em que o aclamado imperador se deslocava da Germânia para Roma, acompanhado dos seus soldados, mas com um aparato em nada próprio de quem já se intitulava senhor do império. Até que o governador da Gália Lugdunense, Júnio Bleso, de nascimento ilustre, espírito grande e igual riqueza (Hist. II 59: *genere inlustri, largus animo et par opibus*), resolveu escoltá-lo de forma magnífica e aparatosa. Vitélio, humilhado, tomou a atitude de Bleso como uma afronta, embora tenha simulado gratidão. O rancor foi calado, até que, certa noite algum tempo depois, Vitélio viu que perto da casa onde se encontrava, doente, havia uma torre toda iluminada. Quis saber de que se tratava, informaram-no de que, em casa de Cecina Tusco²⁸, se dava um banquete em honra de Bleso, com numerosos con-

²⁸ Irmão de leite de Nero, fora prefeito do Egipto entre 63 e 66. Condenado ao exílio por Nero, porque se tinha banhado numas termas construídas para o imperador antes de este as inaugurar, deveu a Galba o perdão e o regresso a Roma.

vidados. Como os que rodeavam Vitélio, de carácter tão vil como o dele, querem perder Bleso, encarregam o irmão do imperador de fazer a denúncia. A cena patética com que mais lhe envenenou o ódio é descrita por Tácito para que se veja a dimensão da ignomínia: abraçado ao filho pequeno de Vitélio, Lúcio entra no quarto do imperador, põe-se de joelhos, simula enorme perturbação. Diz que não é por ele que teme, mas pelo irmão e pelo sobrinho, e que o maior perigo não vem de Vespasiano nem das suas tropas, que estão bem longe, mas de Bleso, que está em Roma e se apresenta como descendente de Augusto²⁹, além de ser munificente e querido de todos. Faz sentir ao imperador que o desrespeito é tanto que, enquanto ele sofre, doente, Bleso e os que o apoiam se divertem e banqueteam. Incita-o a que faça pagar aquela nocturna e despropositada alegria com uma noite triste e funesta (Hist. III 38: *maestam et funebrem noctem*), fazendo-o sentir que Vitélio está vivo e tem um filho para lhe suceder. As forças surdas do ressentimento e da vingança actuam, nesta noite, aumentando em Vitélio o medo de perder o poder e ser morto. E a noite é o momento em que decide envenenar a sua vítima, afastando a hipótese de um assassinio mais manifesto apenas para evitar o acréscimo de impopularidade que daí lhe adviria: quando o viu morto, porém, a sua alegria desmesurada tornou evidente aos olhos de todos a premeditação e a autoria do crime.

Também Vitélio, como se sabe, foi assassinado. Depois de uma série de ultrajes a que o submeteram, ele é morto quando o dia já declina (Hist. III 86: *Praecipiti in occasum die*). É com a imagem dessa morte ignominiosa, que os soldados flavianos, vencedores, infligem ao imperador, no próprio coração do império, é com a alusão à capital de que fugiram, por medo, os senadores e magistrados, buscando refúgio em casa de *clientes*, o que impossibilitou a convocação do senado, que Tácito termina o Livro III das suas *Historiae*. Mas esse crepúsculo que se abate sobre Roma não é só o das trevas da noite que se aproxima: o historiador sugere ao seu leitor o horror e a vergonha do que vai seguir-se: o Livro IV começará com a longa narrativa das vinganças dos partidários de Vespasiano contra os do imperador assassinado, com a dramática descrição do saque de Roma e do massacre indiscriminado de civis e militares, num tom trágico e pessimista que bem mostra a crueldade de que o ser humano é capaz.

Seja esta reflexão o ponto de passagem para uma leitura mais próxima dos *Annales* e da função que neles assume a referência explícita à noite. Como é sabido, os *Annales* ocupam-se de um tempo em que não se vivia em guerra civil constante, como acontece no período coberto pelo que nos resta das *Historiae*. Guerras, conflitos e acções militares, nos *Annales*, são apenas aqueles que resultaram das campanhas contra o inimigo estrangeiro ou do esmagamento de insur-

²⁹ Descenderia de Octávia, irmã de Augusto, casada com Marco António. O obituário elogioso que Tácito lhe faz em Hist. III 39 não deixa dúvidas sobre a inteireza do seu carácter e sobre o facto de nunca ter aspirado ao principado.

reições militares durante os principados de Tibério, Cláudio e Nero³⁰. E, nesse contexto, como fomos vendo, as referências à noite e às trevas surgem em contextos semelhantes aos das *Historiae*. O que há de diferente, de mais poético, de mais dramático, e que mais toca o leitor, é que a noite é agora sobretudo o espaço dos grandes crimes, que a própria noite revela, amplifica ou denuncia. É a noite das almas atormentadas pelo remorso ou pelo pavor dos crimes cometidos, a noite das vidas que se colhem, pela crueldade ou pela injustiça, e a das veias que se abrem, por dignidade e inteireza. Os ataques de surpresa são agora contra pessoas, seres humanos individuais a quem chega a ordem de morrer ou que decidem, antecipando-se pela *mors uoluntaria*, dar um último exemplo de vida.

Talvez porque a noite assume essa dimensão trágica de forma muito mais evidente, é frequente que ela surja personificada, como se fosse aliada dos que sofrem e significasse ou sublinhasse essa presença tutelar, como se fosse, também, testemunha acusadora e denunciante dos excessos, das injúrias, dos crimes.

É de noite que Druso Libão, acusado de conspirar contra Tibério, põe termo à vida, depois de ter conseguido a suspensão do seu processo no senado até ao dia seguinte. Regressado a casa, os soldados que ostensiva e ruidosamente lhe ocupam o vestíbulo, para o intimidar, impedem-no de desfrutar do derradeiro prazer de um banquete, que se transforma em tortura. Procura entre os escravos quem o ajude a morrer, mas eles não aceitam, debatem-se quando os quer agarrar, fogem e acabam por derrubar a luz que estava sobre a mesa: nas trevas em que mergulha, e que são também já as da morte e da angústia que a precede, cravou por duas vezes o punhal no ventre³¹.

É de noite que Messalina, a mulher de Cláudio, é morta. Depois da sua última afronta ao marido, o ter casado, respeitando os ritos³², com o cônsul designado Sílio, durante uma ausência de Cláudio em Óstia, os libertos do imperador empenham-se em que ela seja executada: de facto, mais que o adultério e o escândalo, o que se revelava perigoso era o facto de Sílio, planeando desfazer-se de Cláudio, aspirar ao império. O *princeps*, porém, mesmo depois de posto ao corrente do sucedido e de lhe apresentarem testemunhas e provas, hesitava entre

³⁰ Recorde-se que os livros referentes ao principado de Calígula e a parte do de Cláudio se perderam.

³¹ *Ann. II 31: feralibus iam sibi tenebris duos ictus in uiscera derexit.* É também de noite que Pisão, acusado no senado de ser o responsável da morte de Germânico, se suicida. A mulher, Plancina, por protecção de Lúvia, isentou-se da acusação que os abrangia a ambos; Tibério, que terá sido o mandante do envenenamento, nada faz para o defender; o senado é-lhe claramente hostil. Então, sob pretexto de preparar a sua defesa para o dia seguinte, Pisão retirou-se para o quarto, escreveu a Tibério, tratou de si. Ia alta a noite quando a mulher saiu dos aposentos e ele trancou a porta. De manhã encontraram-no morto (*Ann. III 15*).

³² Tácito refere, em cúmulo do ultraje, a noite das núpcias (*Ann. XI 27: noctem denique actam licentia coniugali*).

o amor que tinha à mulher e a necessidade de castigá-la. Enquanto se vão executando os cúmplices e anteriores amantes de Messalina³³, o imperador acaba por conceder que ela venha defender-se perante ele no dia seguinte. Os libertos apercebem-se de que têm de agir rapidamente se querem que a execução aconteça realmente: Cláudio está, nessa noite, num banquete, já o vinho lhe tolda o raciocínio e, sobretudo, a ira abranda. Conhecedores da fraqueza do imperador, os poderosos libertos antevêm que a *propinqua nox* (*Ann. XI 37*) lhe despertará a recordação dos prazeres do leito conjugal. Por isso, sem consultarem Cláudio mas inventando que teria dado ordem para o fazer, mandam executar a jovem imperatriz. É flagrante o contraste entre a noite de desregramento de Cláudio, a sua fraqueza e apatia, e a violência da morte de Messalina, perpetrada na mesma noite: só quando vê os seus algozes ela compreende que não tem salvação. Assustada, revoltada porque tem de morrer, incapaz de se suicidar para que recupere alguma dignidade, como a mãe lhe pede – só a mãe está junto dela! – em vão tenta, por várias vezes, ter coragem para cravar um punhal na garganta ou no peito, quando, de um só golpe, o tribuno a degola. Tácito regressa então à noite de Cláudio: mostra-o ainda no banquete quando lhe dão a notícia de que ela morrera, sem lhe dizerem, nem ele o perguntar, se tinha sido por suas próprias mãos ou às de outrem. O imperador limitou-se a pedir mais uma taça de vinho e a continuar, noite fora, o festim. E com esse quadro sombrio se encerra o Livro XI.

É a coberto da noite que Nero dá vazão ao seu prazer em fazer mal ou ao seu carácter depravado, quer seja quando percorre as ruas de Roma, os lupanares e as tabernas, disfarçado de escravo, para pilhar e maltratar os transeuntes (*Ann. XIII 25*), quer quando, depois de acusar os Cristãos de terem provocado o incêndio que devastou Roma em 64, faz deles tochas vivas com que ilumina os espectáculos circenses que dá nos seus jardins (*Ann. XV 44*), quer quando se entrega às mais rebuscadas e vergonhosas excentricidades sexuais³⁴.

É de noite que se prepara a desgraça de Britânico, o filho de Cláudio e irmão adoptivo de Nero. Já imperador, e porque Agripina começa a querer travar os ímpetos de autonomia do filho ameaçando-o com a possibilidade de fazê-lo substituir no poder supremo por Britânico, filho de sangue de Cláudio e, por isso, seu natural sucessor, Nero começa a desacreditá-lo, a encontrar motivos

³³ O deboche de Messalina é acentuado quando se refere (*Ann. XI 36*) que, certa noite, ela tinha convocado para a satisfazer um cavaleiro muito belo, Traulo Montano, e, na mesma noite, se fartou dele e o rejeitou. Nem ele foi poupado neste ajuste de contas.

³⁴ Vejam-se os exemplos referidos em *Ann. XIII 47* e *XV 37* e a alusão de *XVI 20*. Além disso, quando Nero instituiu os *Neronia*, jogos à maneira grega, os opositores usaram, entre os argumentos contra o evento, o facto de os espectáculos que tivessem lugar durante a noite se poderem transformar em mais um momento de ignomínia e de falta de decoro, agindo os prevaricadores a coberto das trevas (*Ann. XIV 20*; cf., sobre este ponto, a contra-argumentação dos que apoiavam o projecto, no cap. seguinte).

para o pôr a ridículo, enfim, a tramar a sua perdição. Numa noite de Dezembro de 55, estava Britânico prestes a completar 14 anos, celebram-se as Saturnais e tira-se à sorte quem será o *rex conuiuii*: a sorte calhou a Nero que, se aos outros convivas impôs tarefas consentâneas com a respectiva dignidade, a Britânico ordenou que avançasse para o meio de todos os presentes e entoasse uma canção. Esperava que ele se tornasse alvo de chacota, mas o menino entoou um poema cujo teor sugeria o facto de ter sido afastado da sucessão paterna e ultrajado na sua dignidade. Por isso, em vez do riso, suscitou a comisseração de todos. E o fim de Britânico apressa-se.

É de noite, durante um banquete e à frente de todos, que ele é envenenado: do seu estertor, Nero diz que é um simples ataque de epilepsia. O corpo é levado e o festim continua, sem que ninguém tenha coragem de se manifestar. Nessa mesma noite, com a maior precipitação e o maior segredo, sem qualquer marca de respeito ou dignidade, o corpo de Britânico foi cremado. Tácito sugere a pressa e o inusitado da hora (não era normal que as exéquias de um membro da casa imperial tivessem lugar durante a noite e imediatamente a seguir à morte³⁵) personificando a noite e sublinhando, a abrir o cap. 17 do Livro XIII: *Nox eadem necem Britannici et rogum coniunxit*³⁶. De facto, todos os preparativos tinham sido feitos com antecedência. E, como nessa mesma noite caiu uma chuva torrencial³⁷, o vulgo interpretou-o como sinal da cólera divina. Ninguém duvidava de que, naquela noite, Nero cometera um crime horrendo.

É de noite que Nero recebe e dá crédito à denúncia de que sua mãe conspirava contra ele. Nessa altura, quase todos haviam começado a abandonar Agripina, logo que viram que ela já não gozava do favor do filho. Por vinganças pessoais, Júnia Silana e uma tia de Nero, Domícia, aliam-se para dar corpo à acusação. Já a noite ia avançada quando Nero, embriagado num dos seus habituais festins, recebe Páris, um pantomimo que era visita nocturna habitual para espicaçar os excessos e deboche do *princeps*. Quando ouve a denúncia – Agripina queria fazer ascender ao principado Rubélio Plauto, descendente de Augus-

³⁵ Para justificar tal precipitação, Nero invocou um edicto que determinava que as exéquias dos que morressem prematuramente (*acerba funera*) se realizassem sem elogios nem cortejo fúnebres.

³⁶ “A mesma noite juntou a morte e a pira de Britânico.” Note-se que o substantivo *necem* (*nex, necis*) significa ‘morte violenta’.

³⁷ A noite, associada a certos fenómenos naturais ou catástrofes, aumenta a dimensão da desgraça. No ano 17, doze cidades importantes da Ásia foram destruídas por um terramoto. Tácito sublinha que o facto de ter acontecido de noite o tornou *inprovisior grauiorque* (*Ann.* II 47), mais inesperado e violento. Também a noite torna mais terrível o desastre acontecido em Fidenas, igualmente no tempo de Tibério: as bancadas do anfiteatro da cidade, sobrelotadas de espectadores, ruíram, porque o empresário que dava os jogos tinha olhado ao lucro e não à segurança. Chegada a noite, os gemidos dos feridos que continuavam debaixo dos escombros, e os lamentos dos que procuravam salvar os parentes e amigos, acentuavam a extensão do desastre (*Ann.* IV 62).

to no mesmo grau que Nero, e depois casar-se com ele para de novo voltar a ser onnipotente – Nero fica aterrorizado e quer, de imediato e sem nada averiguar, mandar matar a mãe e o suposto cúmplice. Só Afrânio Burro, o prefeito da guarda pretoriana, estóico e amigo de Séneca, o consegue travar: convence-o de que deve esperar pelo dia, que é preciso confirmar uma informação tão grave, trazida por um único homem, ainda por cima ligado a casas inimigas; mostra-lhe que qualquer pessoa, sobretudo uma mãe, tem, pelo menos, direito a defender-se; e ainda que deve ter em conta que as trevas e uma noite consagrada ao festim não são, de forma alguma, boas conselheiras, antes propiciam a imprudência e o erro³⁸.

Mas o tempo de vida de Agripina esgotava-se. Quatro anos depois, em 59, Nero não hesita ante o matricídio, que prepara criteriosamente. Tudo se passa numa noite de Março: uma noite brilhante de estrelas e sereníssima na calmaria do mar; uma noite que parecia ter sido dada pelos deuses para pôr em evidência o crime de Nero³⁹. A sucessão de pormenores com que Tácito vai desenhando o evoluir dos acontecimentos é vertiginosa e com ressonâncias trágicas: as imagens gravam-se na mente do leitor, enquadradas nessa noite ominosa: Nero que simula a reconciliação com a mãe, celebrando com ela as festas em honra de Minerva, e se despede com um beijo que parece de filho arrependido e cheio de amor; o barco armadilhado que quase a esmaga; o naufrágio e o salvamento de Agripina, nadando na noite; o regresso a casa e o mensageiro que envia ao filho a dizer que nada de grave lhe acontecera; o povo que se junta, com archotes a iluminarem a noite, em redor da casa onde a mãe do imperador se vai dando conta do que realmente se passara e de que o seu fim está próximo; os soldados que irrompem no quarto, onde ela está sozinha porque todos a foram abandonando, para lhe darem a morte que ela orgulhosamente afronta.

Só depois de consumado o assassínio Nero se deu conta da enormidade do seu crime. No resto da noite, em profundo silêncio e abatimento, outras vezes dando mostras de pavor e descontrolo, aguardava o nascer do dia com angústia, como se ele lhe fosse trazer a morte: Tácito sublinha magistralmente que a noite do maior dos crimes é também uma noite prenhe de medo, de terror, talvez de algum remorso e consciência. Em registo breve, o historiador recorda que, tal como aconteceu com Britânico, o corpo de Agripina foi cremado na mesma noi-

³⁸ *Ann.* XIII 20: *reputaret tenebras et uigilatam conuiuiio noctem omniaque temeritati et incitiae propiora*. Que a noite é propícia à credulidade afirma-o Tácito a propósito da morte de Germânico e da forma como a notícia foi recebida em Roma. Primeiro foi a consternação geral; depois, chegam à capital uns mercadores que tinham partido da Síria quando Germânico ainda estava vivo, e anunciam que ele melhorara. A notícia corre de boca em boca, a alegria leva o povo a querer forçar as portas dos templos. Era noite: *iuuat credulitatem nox et promptior inter tenebras adfirmatio* (*Ann.* II 82).

³⁹ *Ann.* XIV 5: *Noctem sideribus inlustrem et placido mari quietam quasi conuincendum ad scelus dii preabuere*.

te em que foi assassinada, sem qualquer honra, antes com sinais de desprezo (XIV 9): uma vez mais, a noite serve de manto que esconde a ignomínia.

É também de noite que Sêneca morre. De facto, é *propinqua uespera* (Ann. XV 60), ao fim da tarde, que ele vê chegar à sua *uilla* da Campânia o tribuno que lhe traz a inquirição de Nero: reconhecia ele como verdadeira a denúncia de que estava envolvido na conjura de Pisão? À resposta firme e leal que ele manda de volta ao imperador, segue-se a ordem de que o filósofo se dê *uoluntaria mors*, a morte que ele acolhe com a constância do *sapiens* estóico. Entretanto, muitos outros conjurados – e outros que o não eram, mas Nero aproveita para executar – são mortos ou constringidos ao suicídio. Vestino Ático, por exemplo, que estava inocente mas Nero odiava por razões pessoais e antigas, é surpreendido pelo tribuno quando dava um jantar, e de imediato morto. Os seus convivas, por crueldade pura e gratuita, só foram deixados partir já a noite ia muito avançada (XV 69).

No ano seguinte, é também *uesperascente iam die* (XVI 34) que o questor traz ao senador Trásea Peto a decisão do senado de que deve morrer. Estóico, há muito tornado incómodo para Nero, com as suas atitudes ou o seu silêncio reprovador, ele aguardava, nos jardins de sua casa e rodeado de amigos, a ordem que sabia inevitável. Depois, com a paz das consciências limpas e a dignidade dos justos, pôs termo à vida. Os *Annales* terminam, para nós, com essa imagem que assume um valor carregado de simbolismo: o crepúsculo de uma sociedade em que morrem os melhores e vencem os delatores e os assassinos; a noite da tirania de Nero tingida do sangue dos inocentes, o sangue que jorra das veias cortadas de Trásea, como se escoara do corpo enfraquecido de Sêneca.

Essa é a noite que fecha e resume a obra de Tácito: uma longa história pródiga em desgraças, cheia de batalhas tremendas, prenhe de discórdias nascidas de sedições, cruel até na própria paz⁴⁰; uma história que conta a submissão servil e a imensidão de sangue romano derramado sem sentido, numa sucessão terrível que lhe esgotava o ânimo e lhe apertava o coração⁴¹. Mas, tal como na noite escura pode de repente refulgir a lua e a luz clara teima em romper as trevas para que a manhã nasça, também o final dos *Annales*, no pessimismo das trevas em que Roma mergulha, deixa brilhar o exemplo de um homem que não se submeteu, que verteu o seu sangue voluntariamente e com o sentido nobre que os estóicos davam ao exemplo da liberdade e da *uirtus*, o único e supremo bem.

⁴⁰ Hist. I 2: *Opus adgredior opimum casibus, atrox proeliis, discors seditionibus, ipsa etiam pace saeuom.*

⁴¹ Ann. XVI 16: *nunc patientia seruilis tantumque sanguinis domi perditum fatigant animum et maestitia restringunt.*